

CONTO INÉDITO

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Tudo começou com o primeiro emprego, quando combinou com o seu patrão - e este agradeceu - que mais de 50 por cento do seu salário tinha que ser pago pela porta do cavalo...

POR PAULO MORGADO*

“**J**osé preparava-se para engendrar um novo tipo para o crime de colarinho branco, através de disparo inadvertido da sua máquina. Não um tipo de carne e osso, naturalmente. Um tipo no sentido jurídico do termo.

Um tipo enquanto crime que a lei formula, define e descreve nos seus elementos constitutivos essenciais? Não é bem isso; esses são tipos objectivos. Os tipos que José formulava eram mais do género subjectivo: aqueles que adquiriam a categoria de espécie através da fotografia do *modus operandi* da fauna matreira. Uma cristalização dos factos que os tornava em premissas maiores (pois, pois, hás-de ir longe com essa linguagem finória!)...

O passado

Em tempos já idos, José fazia parte integrante da fauna matreira, aproveitando-se das fragilidades de um sistema financeiro corroído pela máxima mosquiteira do um de todos, todos para um (é só fazer as contas a um euro o mosquito, em fim de tarde de Verão perto de um pantanal).

Tudo começou com o primeiro emprego, quando combinou com o seu patrão - e este agradeceu - que mais de 50 por cento do seu salário tinha que ser pago pela porta do cavalo. A coisa fazia-se com despesas de representação (dele e de outros), sem que nunca nenhum agente do Fisco lhe tivesse perguntado como é que dava voltas ao mundo no seu carrito comprado em segunda mão.

Em casa tinha um escritório: a secretária, um computador e umas estantes com livros, davam um aspecto profissional à coisa (mas se os agentes ousassem abrir os armários encontrariam lá dentro o serviço do casamento, ao lado de uma sapateira improvisada). Era para driblar o Fisco com a actividade prestada através de recibos verdes. Tinha sempre prejuízo, o desgraçado.

A casa fora paga com um empréstimo com taxa prontamente bonificada, por causa dos parques rendimentos (os declarados, pá!), e a Sisa evitada com arame pago por fora (outra vez pela do cavalo). Era no tempo em que ainda não tinha pegado a moda de fazer a folha a políticos que se esqueciam de pagar os impostos. No tempo em que ainda não havia semanários venenosos.

José trabalhava numa empresa de roupa de látex... “O quê?” Estão aqui a fazer-me sinais... “Isto não é crime?” Esbracejam! “Os outros anteriores é que não são?”

...

José era agora um homem rico, dedicado ao mundo da finança. Fizera muito dinheiro com participação em pirâmides financeiras e acções de formação financiadas com dinheiros do Fundo Social Europeu. Certo dia... “Não oiçô!” Estão outra vez a fazer-me sinais. “Não tem interesse porque já prescreveu?”

...

José investia agora o seu dinheiro na compra de participações mínimas de 11 por cento em empresas cotadas, à sociedade com um mano com cara de choninhas como ele. Queriam chantagear o accionista maioritário, forçando-o a vender as acções para se ver livre de tipos que iam às Assembleias-Gerais insinuar que o patrão tinha desviado dinheiros da empresa para uso próprio... “Oh pá, não me chateiem a cabeça!” Não param de me interromper com gestos (agora obscenos). Eu sei que sou um péssimo escritor, mas... “O quê, isto também não é crime? Nem de chantagem? Nada?”

...

José era agora administrador de uma sociedade, da qual era simultaneamente accionista. Com uma mão mandava umas bocas

para fazer subir as acções, com a outra vendia o papel anteriormente comprado a preço de saldo, fugindo a qualquer controle da tal de CMVM. “O quê?... Ah, acabou o tempo...”

O branqueamento

Acabara o tempo da prevaricação impune...

Certo dia, José abriu o jornal e deu-se conta de que um peixe graúdo tinha sido apanhado. “Oh pá, isto agora começa a piar fino!”, pensou.

Era necessário apagar todos os vestígios de ilegalidades cometidas. Logo agora que queria candidatar-se a presidente de Câmara, não seriam uns crminhos de vista grossa que o iriam tramar.

Havia por aí um tipo macaco, aparentemente pecador, que já tinha dado uma de benemérito, contribuindo de forma “desinteressada” para o desenvolvimento da cultura nacional. Também ele já se tinha branqueado: diminuira o *animus pildrus* (expressão inovadora que significa vontade de meter na prisão) dos poderes instalados, fortemente dependentes daquelas benfeitorias, e, simultaneamente, vestira um fatinho totalmente branco, com adereço de auréola a condizer.

É isso... Cultura é um bom apagador!

Vai daí toca de escrever um livro sobre crime de colarinho branco. A quem é que passaria pela cabeça que um tipo que escreve sobre tal coisa era também ele um ex-delinquente?

Alheio aos barulhos do vizinho gordinho com muito pelinho, que passa os fins-de-semana de fato de treino com o berbequim na mão, José lançou mãos à obra, iniciando a dita com os crimes que melhor dominava.

A coisa avançou a uma velocidade alucinante, com o bicho a papar tudo.o que era Padrinhos, Sopranos e coisas do género.

Certo dia, a BIC estancou. Estava feito! Feito não, perfeito... para a época.

Mas era preciso interessar Jornalistas e Editores e conseguir apoios de personalidades de reputação imaculada. José conseguiu tudo isso. Havia jornais a pedir entrevistas, cadeias de televisão interessadas, revistas com exclusivos e até revistas que pediam contos exclusivos!...

José colocava-se agora no centro do combate ao crime de colarinho branco, prefigurando-se como uma espécie de guru da brigada anti-carço-fácil. Do mal, o menos, não acabou comentador. Arrependimento? Não, pá! Branqueamento! Branqueamento de reputação.

“O livro é de certa forma auto-biográfico?”, perguntava um jornalista quase lhe espetando com o micro. “Não, (pá) isto é tudo invenção”, respondia com cândida cara-de-pau.

Foi um sucesso. Vendeu para cima de 100 mil. Com a massa comprou um Pagani Zonda C 12 S e um Jaeger-LeCoultre Minute Repeater.

Mas não havia necessidade...

Primeiro porque aquilo que julgou serem actos censuráveis, não o eram de facto: mais tarde aprenderia que...

... a malta até aplaude...

... dão para caçar ricos e poderosos a quem se quer fazer a folha...

... e são um bom acto de propaganda a imparcial funcionamento da justiça!

Depois, porque a intenção era candidatar-se a presidente da Câmara.

“O quê? É para ir embora? Oh pá está bem, não me mandem com isso!” Estes tipos vão sujar-me a camisa de vermelho...

”

*AUTOR DO LIVRO **CONTOS DE COLARINHO BRANCO**



UM GESTOR NO MUNDO DA FICÇÃO

Proveniente de uma família com uma forte veia empresarial, a vida de Paulo Morgado esteve desde sempre ligada ao mundo dos negócios. Dai que, aos 42 anos, seja dono de um currículo profissional recheado, do qual se destacam a passagem pelo Banco Finantia, na área da *corporate finance*, a direcção-geral da Vidago e a actual administração da consultora Capgemini Portugal. A experiência colhida ao longo dos anos, apoiada na formação académica em gestão, finanças e direito, impulsionou a imortalização dos seus conhecimentos no papel. Com o livro *Contos de Colarinho Branco*, Paulo Morgado remata uma trilogia dedicada ao processo de negociação, iniciada com as obras *O Processo Negocial*, de 1994, e *Cem Argumentos*, de 2003.



Título: *Contos de Colarinho Branco* (2005)
Editora: Dom Quixote
Número de páginas: 199
Preço: 14,85 €